

Universidade de Brasília

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

USO GENERALIZADO DO “QUE” POR FALANTES CULTOS

NÁDIA LEAL PREDA

BRASÍLIA

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LINGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS- LIP

USO GENERALIZADO DO “QUE” POR FALANTES CULTOS

Nádia Leal Preda

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística,
Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial
para a obtenção do grau de LICENCIADO EM LETRAS.

ORIENTADORA: Professora Doutora Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

BRASÍLIA, 2013

Dedico este estudo a meus colegas de curso que,
de forma direta ou indireta, contribuíram para a
realização e concretização desta etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por colocar em meu caminho pessoas queridas que me sustentam e não me deixam desistir em nenhum momento: a meu pai Nilton Preda, a minha mãe Sirilene Maria e a minha irmã Nayara, bem como aos meus amigos que, mesmo inconscientes da perene contribuição, sempre estiveram ao meu lado me apoiando e tornando mais suave o pesado carregar da vida. Agradeço a minha orientadora, Professora Doutora Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues, extenso nome que se condensou em apenas Uli, não por economia, mas por carinho e dedicação com suas orientandas; o caminho foi mais respirável tendo-a ao lado.

O presente trabalho trata da variação do uso da partícula QUE em suas várias funções, seja como relativa, interrogativa ou como conjunção. Para tanto, exploramos as variações existentes em cada uma delas em separado e a relação delas entre si, buscando encontrar elementos, variáveis linguísticas e extralinguísticas, que pudessem identificar o fenômeno como variação ou mudança linguística dentro do Português Brasileiro (PB). Utilizamos a Teoria da Variação, corrente científica pertencente à Sociolinguística Variacionista, como suporte teórico-metodológico, tendo como embasamento, entre outras, as obras FARACO (1987, 2004), BAGNO (2000, 2004, 2007), VOTRE (2008). Não se trata de uma mudança em curso, mas de uma preferência, mesmo na fala mais monitorada, das formas QUE.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista, Variação Linguística, Mudança Linguística, Uso do QUE.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	VII
2. PRESSUPOSTOS	IX
2.1 CONCEITOS GERAIS.....	IX
2.2 DESCRIÇÃO DO USO DA VARIÁVEL QUE	XII
2.2.1 <i>Relativas</i>	XII
2.2.1.1 <i>Relativas Livres</i>	XIV
2.2.1.2 <i>Relativas Clivadas</i>	XV
2.2.2 <i>Interrogativas</i>	XV
2.2.2.1 <i>Interrogativas clivadas</i>	XVI
2.2.3 <i>Conjuntivas</i>	XVI
3. METODOLOGIA.....	XVII
4. ANÁLISE DE DADOS.....	XXI
4.1 RELATIVAS	XXII
4.2 INTERROGATIVAS	XXV
4.3 CONJUNTIVAS	XXVI
4.4 AVALIAÇÃO.....	XXVII
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	XXVIII
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	XXIX
ANEXOS.....	XXX

1. INTRODUÇÃO

A Linguística, ciência da linguagem, ocupa-se, dentre outras atividades, em descrever a língua em uso. Mais que somente a utilização normativa baseada na Gramática Padrão, o estudo científico da linguagem procura desvendar o caminhar desta instituição natural e coletiva, estruturada e estruturante, chamada Língua.

Dentro dessa grande ciência da linguagem, a Sociolinguística vem corroborar com esses estudos procurando identificar nas comunidades de fala – grupos de falantes que se aproximam tanto na forma de falar quanto nos ambientes que frequentam e nos hábitos que seguem, entre outros fatores – quais suas particularidades que os diferenciam de outras comunidades. Nesse sentido, importantes se fazem questões como idade, escolaridade, gênero, o que os sociolinguístas chamam de fatores condicionantes extralinguísticos de uma variável.

Por mais que a ciência seja encarada de forma exata, através do tempo, percebemos que tal exatidão não é vitalícia. Tendo como objeto de estudo a Língua, viva e em uso, é natural que os estudos sociolinguísticos sofram alterações com o passar o tempo. O que não significa ser menos importante o que foi produzido há décadas. Pelo contrário. É através desses estudos que podemos esboçar uma pesquisa, por exemplo, de mudança linguística, quando uma variante se sobrepõe a outra, fazendo esta não existir mais na fala do dia a dia e nas publicações metalinguísticas, como em gramáticas e dicionários.

É isso que neste trabalho procuraremos entender, se o que iremos estudar aqui é apenas uma variante que convive com outras em variação estável ou se estamos diante de uma possível mudança linguística em progresso. As mudanças não se dão repentinamente, levam séculos para se instaurar, entretanto os estudos linguísticos e sociolinguísticos possibilitam vislumbrar mudanças acontecendo.

Neste estudo, o que pretendemos observar é o uso do QUE, partícula generalizadora que Ataliba de Castilho (2010) chama de “pronome relativo universal” nesta fala: “na língua falada, *que* é uma espécie de pronome relativo universal, que esta ocupando os espaços dos outros”. Sírio Possenti (2010), em um artigo publicado na internet intitulado “Uso do “que” sinaliza mudança na língua portuguesa”, apresenta resumidamente os estudos desta partícula, em especial referente

às relativas, e revela que a variante cortadora está se tornando generalizada, a ponto de o autor levantar a hipótese de que podemos estar diante de um caso de mudança. Essa hipótese instigou-me a analisar todas as formas de ocorrência do QUE e procurar saber se nas outras ocorrências a partícula é usada de acordo com a norma-padrão ou se há outras formas de uso igualmente sinalizadas, conforme as relativas.

Pensamos que este estudo tenha grande importância para o meio acadêmico, em especial para os estudos sociolinguísticos dada a sua extensão, uma vez que não conseguimos identificar trabalho semelhante, abrangente ao modo que aqui se apresenta. Pretendemos elencar os ambientes, quantificar as ocorrências e apresentar uma visão panorâmica de como está o uso do QUE na fala monitorada de falantes com formação superior completa.

Por meio da pesquisa de campo, procuraremos, neste trabalho, identificar na fala mais monitorada do supracitado todas as ocorrências do uso do QUE e classificá-las a ponto de pontuarmos os ambientes de maior ocorrência. Desta forma, buscaremos entender os motivos sintáticos e sociais, os fatores condicionantes linguísticos e extralinguísticos, se estamos diante de uma mudança em progresso ou uma variação estável.

Para atingir os objetivos desse trabalho, analisaremos entrevistas radiofônicas transmitidas pela emissora *Rádio Brasília 1210 AM*, entrevistas essas com professores, mestres e doutores da Universidade de Brasília (UnB) e médicos de diversas áreas que residem na cidade. Escolhemos essas entrevistas porque refletem o uso não estigmatizado e representativo de um uso geral. Além disso, saltam-nos aos olhos a utilização de qualquer variante por esse grupo. Há ainda a observação do fator extralinguístico, posto que essa comunidade de fala tende a ser mais conservadora.

Logo vem a questão: as pessoas com mais escolaridade estão fazendo o uso padrão da Gramática Tradicional das várias formas do QUE? Esta partícula está realmente substituindo as outras relativas, tendo seu uso dobrado nas interrogativas (como em “Que que você quer?”) e deixando de serem preposicionadas quando conjunções em ambientes em que se fazia necessário (como em “Eu necessito que você faça isso?”). São essas questões que nos nortearão no decorrer deste estudo.

2. PRESSUPOSTOS

2.1 CONCEITOS GERAIS

Para o estudo que pretendemos desenvolver, alguns conceitos mostram-se fundamentais, quais sejam: a noção do que é um falante culto, já que nosso escopo de dados parte de falas de pessoas altamente escolarizadas, sendo elas professores, mestres e doutores da Universidade de Brasília (UnB); a noção do que é norma-padrão e sua representatividade na fala, e o conceito de variação e de mudança linguísticas.

Ao grupo de falantes objeto de nossa análise os sociolinguístas chamam de falante culto. Faraco (2004, p. 5) define o qualificativo “cultas” em “variedades cultas” da seguinte forma:

São, em geral, as variedades que ocorrem em usos mais monitorados da língua por segmentos sociais urbanos, posicionados do meio para cima na hierarquia econômica e, em consequência, com amplo acesso aos bens culturais, em especial à educação formal. Trata-se daquilo que é normal, recorrente, comum na expressão linguística desses segmentos sociais, em situações mais monitoradas. Em outros termos, trata-se daquilo que é efetivamente praticado por falantes desses segmentos sociais (daí ser corrente acrescentar, nas discussões, o qualificativo real – norma culta real – quando se faz referência a essas variedades).

Os usos mais monitorados, os quais Faraco descreve são citados logo acima, acontecem quando há necessidade do uso da língua em ocasiões formais, quais sejam palestras, entrevistas a mídias jornalísticas, aulas. Há graus de formalidade que podem ou não influenciar no grau de monitoramento da fala. Ministras aulas para um grupo de alunos duas vezes por semana, por exemplo, confere um certo grau de intimidade com os ouvintes, o que pode influenciar na formalidade da fala. O assunto tratado também pode determinar as escolhas linguísticas, o que acontece por vezes inconscientemente. Um exemplo pode ser o ambiente familiar, em que geralmente usamos da informalidade no trato e consequentemente no diálogo, mas se surge um assunto que exige um pouco mais de conhecimento, pode haver o uso da variedade culta, a que se aproxima da norma-padrão. A essa variação de forma os sociolinguístas chamam de variação de registro, conceituada por Cezario & Votre (2008, p. 145) como a variante que tem o grau de

formalidade do contexto interacional o do próprio meio usado para a comunicação, como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta etc.

Quando monitoramos mais nossa fala, tendemos a usar a variedade que se aproxima da norma-padrão da língua, termo usado para designar o construto social difundido principalmente nas escolas como a única correta, a que encontramos nas gramáticas tradicionais, e a que buscamos usar geralmente na escrita. Quando partimos para o campo da fala, acredita-se ainda que a mesma padronização aconteça, mas mesmo em se tratando de falantes cultos, observaram-se variações. O mais conhecido estudo que evidenciou essas variações entre falantes cultos foi o Projeto NURC (Norma Urbana Culta), desenvolvido no início da década de 1970 em cinco regiões do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador).

Entre tantas conclusões importantes que este projeto trouxe, detenho-me a uma. A partir desse estudo observou-se que mesmo os falantes cultos apresentavam variações no modo de falar, a depender do grau de monitoramento. Sendo assim, o que se chama de norma-padrão ganha outro significado, um “construto idealizado”, nas palavras de Faraco (2004, p.5):

Em geral, a fixação de um certo padrão responde a um projeto político que visa impor uma certa uniformidade onde a heterogeneidade é sentida como negativa (como “ameaçadora de uma certa ordem”).

A variação é um processo linguístico natural de todas as comunidades de fala. Cezario e Votre (2008, p. 148) conceituam comunidades de fala:

“O indivíduo, inserido numa comunidade de fala, partilha com os membros dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Daí resultam várias semelhanças entre o modo como ele fala a língua e o modo dos outros indivíduos”

Desse modo, traços comuns são partilhados, por exemplo, religião, lazeres, trabalho, faixa etária, escolaridade, profissão e sexo, como complementa os autores.

Algumas variações sofrem juízo de valor por estarem, os falantes, posicionados do meio para baixo na hierarquia social. São pessoas, em geral, não escolarizadas e pertencentes ao meio rural. Já algumas variações são imperceptíveis e, muitas vezes, recorrentes entre os falantes cultos, até mesmo em ambientes monitorados. Essas variações muitas vezes não são tidas como

“erradas”, já que os falantes são pessoas escolarizadas e pertencentes ao meio urbano. Essa distinção explica muito bem a fala de Faraco ao exaltar uma posição não linguística, mas política para a preferência de uma e não de outra, ou o juízo de valor conferindo como “errada” e “certa” a uma e outra, sendo que, a bem da verdade, nenhuma está mais correta nem mais errada, todas são, sim, passíveis de variação.

Algumas variações encontram-se de tal modo incorporadas à fala que podem ser consideradas variações estáveis. Acontecem quando há o que os sociolinguístas chamam de coocorrência, quando duas formas são usadas ao mesmo tempo. Já quando uma se sobrepõe a outra, trata-se de concorrência, e dessa forma podemos vislumbrar uma mudança linguística acontecendo, como explica Lucchesi e Araújo (2013):

“No primeiro caso, conclui-se que o quadro de variação tende a se manter ainda por um longo período, já que não se verifica uma tendência de predominância de uma variante linguística sobre a(s) outra(s). Já o diagnóstico de mudança em progresso implica que o processo de variação caminha para a sua resolução em favor de uma das variantes identificadas, que deve se generalizar, tornando-se o seu uso praticamente categórico dentro da comunidade de fala. Nesse quadro, a(s) outra(s) variante(s) tenderia(m) a cair em desuso.”

Quando há uma variação estável, não há competição entre as variantes, como, por exemplo, o uso alternado de [l] e [r] que caracterizam comunidades de fala (c[l]aro e c[r]aro). Já a variação em que uma nova forma, a mais nova, substitui a forma mais usada, chamamos de mudança linguística, que está relacionada diretamente à vida social, conforme elucidada Labov (Cezario & Votre, 2008, p. 147):

“Labov demonstrou que a mudança linguística é impossível de ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, pois pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua.”

Um exemplo de mudança linguística, instaurada em todo território brasileiro, exceto no Sul do Brasil, ainda, é a pronúncia do [l] pós-vocálico, que passou a ser pronunciado como uma semivogal (sa[w], pape[w]). Mas para que isso acontecesse, muitas décadas se passaram em que houve variação dessas duas formas. Cezario & Votre (2008, p. 151) elucidam que “para ocorrer a mudança, é necessário um período de variação entre as formas”.

Para que se afirme categoricamente que houve uma mudança linguística, os sociolinguistas valem-se do estudo em tempo real ou tem tempo aparente. A pesquisa em tempo real requer mais tempo de pesquisa, no mínimo de 12 anos e no máximo de 50 anos. Dessa forma, o linguista tem em mãos dados que ele poderá comparar de épocas diferentes para chegar a alguma conclusão. A pesquisa em tempo aparente implica gravação de amostras de informantes de diferentes faixas etárias para observar se uma forma ocorre mais na fala de crianças e jovens do que de adultos e idosos, explica Cezario & Votre (2008, p. 152):

“Quanto falantes mais cultos estão usando uma forma que anteriormente não tinha prestígio, isso significa que ela deixou de ser estigmatizada e passou a ser normal dentro da comunidade de fala de pessoas escolarizadas, o que pode significar mudança, ou seja, substituição de uma forma mais antiga pela forma nova”.

2.2 DESCRIÇÃO DO USO DA VARIÁVEL QUE

O uso do QUE na visão da Gramática Tradicional apresenta-se de diversas formas, seja como pronome interrogativo, pronomes relativos, ou ainda como conjunção integrante. Percebe-se, entretanto, inovações na sua forma de utilização. Mesmo quando há outras opções de uso, o QUE tem aparecido exaustivamente na fala do brasileiro, substituindo o ONDE, o O QUE, e outras formas mais.

Usa-se, por exemplo, a estrutura “O funcionário que você falou é esse?” (Perini, 2010) no lugar da variante padrão, *O funcionário de quem você falou é esse?* Notamos, aqui, a substituição simplificada de uma relativa por outra igualmente relativa, embora não padrão. Ou ainda na interrogação *Que que você quer?*, onde é notável a repetição do QUE.

Identificamos três grandes áreas de estudo dessa partícula, quais sejam as relativas, as interrogativas e as conjuntivas. Apresentaremos resumidamente, a seguir, cada uma delas.

2.2.1 Relativas

São três as formas pelas quais as relativas são estudadas: como padrão da Gramática Tradicional (a); e como não-padrão, divididas em cortadora (b) e copiadora (ou pronome-lembrete) (c). Assim temos:

- (a) A menina com quem conversei saiu.
- (b) A menina que conversei com ela saiu.
- (c) A menina que conversei \emptyset saiu.

Para Faraco e Moura (1987, p. 213), há uma preferência no uso da relativa que em relação às demais relativas:

“**Que** é o relativo mais usado. Pode referir-se a pessoa ou coisa. Os jovens que não viveram essa época querem conhecê-la melhor. (*Veja*) Há uma pedra preciosa que faz enorme sucesso no Japão: a opala-nobre, encontrada em D. Pedro II, no Piauí (*Visão*). O antecedente do relativo pode ser o pronome demonstrativo **o (a, os, as)**: Olha o que aconteceu com os Grandes Impérios. (M. Quintana). Eu não sabia ao certo o que é uma casa (C. D Andrade).”

Para entender melhor por que caminhos anda os pronomes relativos, ajuda o estudo diacrônico apresentado sucintamente, embora completo para nossos objetivos, por Bagno (2000, p. 185 e 186) que cita Tarallo (1983):

“O estudo de Tarallo demonstrou que a relativa copiadora é um fenômeno muito antigo na língua portuguesa, sendo encontrado no latim vulgar e nos romances dele derivados (...) e que a relativa cortadora constitui uma inovação no português brasileiro.”

Na análise da fala urbana, Tarallo (*apud* Mattos e Silva, 1995) constata que a relativa não-padrão copiadora é a mais estigmatizada pela comunidade. E, como era de se esperar, o pesquisador enxerga a ocorrência maior desta variação na fala informal, sendo a classe social determinante em sua pesquisa: na classe social baixa, 12,2% de ocorrência; média, 8,9%; e alta, 7,6%. Na fala formal, 2%, 3,1% e 1,6%, classes baixa, média e alta, respectivamente.

Mattos e Silva (1995) sugere que a ocorrência da não-padrão copiadora, além de ser a mais estigmatizada, é também a de uso mais consciente. Já a não-padrão cortadora ocorre muito sutilmente, a ponto de não ser perceptível seu uso.

Uma hipótese da causa mais natural do uso da relativa não-padrão cortadora é o fato de os próprios professores não considerá-la errada. Na pesquisa de Assis em escolas de Belo Horizonte (*apud* Mattos e Silva, 1995), dentre as ocorrências desta variação, apenas 34,9% foram consideradas erradas pelos professores. Das copiadoras, apenas 3,8% das ocorrências foram consideradas erradas, o que nos leva a concluir que os professores acabam por corrigir a variante mais frequente na fala de seus alunos.

É também na escola que se verifica, e se explica, porque as relativas em sua forma padrão são tão pouco utilizadas. Em tese de doutorado, Lessa de Oliveira (2008) aponta a não naturalidade na aquisição das relativas pelas crianças. Somente na escola é que acontece a formalização desse tipo de estrutura. Kato (*apud* Lessa-de-Oliveira, 2008, pg. 32), utilizando-se da teoria de Princípios e Parâmetros, constata que “a criança é guiada por princípios de economia, procrastinando ou preferindo movimentos mais curtos”.

Nesse sentido, há o que Kato (1993:20, *apud* Mattos e Silva, 1995) chama de “diglossia” entre o que se fala e o que se deve adquirir na escola. Bagno (2007, p. 198) se refere a esse tipo de obrigatoriedade na aquisição das relativas-padrão como a aquisição de uma língua estrangeira, não natural, embora necessária, “afinal, é essa a função principal do ensino de língua: ampliar o repertório verbal e a competência comunicativa dos aprendizes”.

2.2.1.1 Relativas livres

As relativas livres caracterizam-se por nunca modificarem um núcleo nominal. Faraco e Moura (1987, p. 213) explica:

“Às vezes, o antecedente do pronome relativo não vem expresso: Quem não tem cão, caça com gato. Onde pus a esperança, as rosas murcharam logo. (F. Pessoa)”.

Castilho (2010, p. 368) cita pesquisa de Kato (1983) para reafirmar essa teoria:

“Investigando a perspectiva aberta por Mary Kato, Tarallo (1983) mostrou que os pronomes relativos estão perdendo suas propriedades pronominais, restringindo progressivamente sua atuação gramatical à de um nexos, sem papel funcional (...)” (Castilho, 2010, p. 368).

Ulisses Infante (1999, p. 414) reafirma, por meio de exemplos, que alguns pronomes relativos aparecem sem o antecedente, confirmando a fala de Castilho de que os relativos estão perdendo suas propriedades pronominais:

“Alguns relativos podem aparecer sem antecedente: 1. **que**. Em um sarau todo mundo tem que fazer. (J. M. Macedo). (p. 215. Faraco e Moura) (...) 3. **quem**. Quem não presta fica vivo. Quem é bom, manda matar. (C. Meireles). 4. **onde**. Vives onde não queres. Nesse caso, os pronomes **quem** e **onde** são chamados de **relativos indefinidos**. (...) “Existem orações subordinadas adjetivas introduzidas por pronomes relativos sem antecedente. Observe: Chegou a vez de quem tanto esperou.”

2.2.1.2 Relativas clivadas

Para a Gramática Tradicional, as clivadas são partículas expletivas ou de realce, ênfase. Nos estudos linguísticos mais recentes, o termo se chama “foco”: “a operação de clivagem é realizada necessariamente para destacar sintaticamente um sintagma como foco” (Castilho, 2009, pg. 253). Assim, tem-se, simplificada, o exemplo “[As moças] é que usavam sapato... sem conforto”, sendo o foco os termos entre chaves.

2.2.2 INTERROGATIVAS

São dois os tipos de sentenças interrogativas: as de resposta sim/não e as que utilizam os pronomes-Q. A estas, cada uma tem traços específicos que conduzem a uma resposta (quem – humano, o que – coisa, onde – lugar, como – modo, quando – tempo).

A Gramática do Português Brasileiro, de Castilho, apresenta uma outra forma utilizada, principalmente na fala, dos brasileiros. Trata-se da expressão *é que*, expressão que acompanha os pronomes-Q, desta forma:

- “a) O *que/* o *que* é *que* você disse?
b) Quando/ *quando* é *que* chegam as minhas férias?
c) Quanto/ *quanto* é *que* você quer pelo seu calhambeque?
d) Onde/ *onde* é *que* você se escondeu, seu diabo?
e) Como/ *como* é *que* você vai se sair dessa?” (Castilho, p. 326).

Há ainda expressões que, de acordo com o autor, causam humor, como em “*Quique* você disse?” (Castilho, p. 326). Já Faraco e Moura (ANO, p. 212) analisa uma expressão mais corriqueira na fala do brasileiro:

“A expressão *que é feito de*, reduzida para *que é de*, deu origem aos interrogativos *cadê*, *quedê* e *quede*, bastante utilizados. A forma *cadê* já se encontra registrada no VOLP.”

As interrogativas indiretas também apresentam pronomes-Q. Para Castilho, as sentenças produzidas a partir desse recurso resultam em uma sentença subordinada substantiva interrogativa indireta, como em “*Quero saber o que você disse*” e “*Pergunto quem vem jantar hoje*” (p.326). Bechara, em sua Moderna Gramática Portuguesa, classifica esse tipo de oração como “Orações

subordinadas resultantes de substantivação” (p. 465), que compreendem, além das interrogativas, as exclamativas.

Essencial se faz descrever a nota, disposta nas observações quanto às orações substantivadas, conforme Bechara (2009, p. 465):

Na língua popular regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa Não sei *que por que só chega tarde*. Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Há ainda a utilização dos pronomes interrogativos em frases exclamativas, conforme elucida Faraco e Moura (p. 212), que exemplifica: “ - Que papelão, meu bem! (P. M. Campos)”.

2.2.2.1 Interrogativas clivadas

Na Gramática do português culto falado no Brasil, estruturas com *é que* são um recurso de ênfase em determinado sintagma da oração, quais sejam:

“Que é que um professor faz?”

O que é que a gente fazia como é que era... a: : a verificação no nosso tempo de escola?

O que foi que vocês encontraram?” (Braga, Kato, Miotto, pg. 270)

2.2.3 CONJUNTIVAS

As conjunções QUE funcionam para ligar orações. Algumas vezes, essa conjunção deve ser acompanhada por preposição, quando ela está ligada a um sintagma intransitivo, forma de prestígio grafada nas gramáticas tradicionais. Bechara (2009) exemplifica:

“Se exercer função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional: Parece [*que vai chover*] (...) Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção que vem precedida da conveniente preposição: Estavam precisando [*de que os ajudassem*]” (Bechara, 2009, pg. 324)

Contudo, seu uso, tanto na escrita quanto na fala, vem demonstrando uma variação. Muitas construções que deveriam apresentar preposição não apresentam. Por supercorreção, algumas vezes elas são desnecessárias, mas aparecem. A esse estudo, os sociolinguístas chamam de *queísmo* e *dequeísmo*. Mollica (1995, p.12) conceitua:

“(...) nos contextos em que a norma *prevê* ou *prefere* o uso de ‘de’, a presença/ausência da preposição leva o nome de Queísmo. Naqueles em que se *proscree* completamente o emprego de ‘de’ a presença de ‘de’ recebe o nome de Dequeísmo”.

No português de Portugal este fenômeno também acontece, como demonstra o linguista Eva Arim, que explica, também citando o português do Brasil.

“(...) a construção correcta é <<gosto de que me façam elogios>> , pelo mesmo motivo deveria estar de acordo com a norma padrão do português uma construção como <<aposto em que Portugal chega à final>>, o que não corresponde à realidade. (...) Vários fatores tem sido apontados como desencadeadores das construções não-preposicionadas no português do Brasil e no Espanhol, entre eles o cruzamento sintático de construções aparentadas morfológica, semântica ou sintaticamente e a frequência da ocorrência do verbo.” (Arim, 2008)

Há ainda a utilização da conjunção com outro verbo formando quase uma locução. É Castilho (2010, p. 360) quem elucida essa questão:

“Alguns verbos da matriz vêm-se fundindo com a conjunção integrante *que*: as palavras *diz que* e *acho que* reúnem-se numa só palavra donológica, *disque* [‘diski] e *ach’que* [‘a’ki], a primeira já documentada na língua escrita.”

3. METODOLOGIA

Para este trabalho, utilizamos as contribuições metodológicas da Sociolinguística. Ela se desenvolveu a partir dos trabalhos de Labov, conforme Cezario & Votre (2008, p. 146) destacam:

“O termo “sociolinguística” surge pela primeira vez na década de 1950, mas se desenvolve como corrente nos Estados Unidos na década de 1960, especialmente com os trabalhos de Labov, bem como os de Gumperz e Dell Hymes e a conferência *The Dimensions of Sociolinguistic*, de William Bright, publicada em 1966 sob o título de *Sociolinguistics*.”

A principal contribuição dessa corrente teórica foi adicionar aos estudos linguísticos questões vistas, até então, como desvios da língua:

“Assim como a etnolinguística e a psicolinguística, a sociolinguística veio preencher um vazio deixado pelo gerativismo, que considera objetivo legítimo de estudo apenas o aspecto interior das línguas e a competência linguística. Dessa forma, as novas disciplinas vêm priorizar os fatores sociais, culturais e psíquicos que interagem na linguagem” (Cezario & Votre, 2008, p. 147)

A partir de então, a noção de erro começou a ser contestada, a fala ganhou importância nas pesquisas, passando a ser documentada por meio de gravações que posteriormente eram analisadas levando-se em consideração questões sociais do informante. Cezario & Votre (2008, p. 146) trazem o conceito do antropólogo Dell Hymes quanto a essa questão:

“Dell Hymes (1977), como antropólogo, concebe a sociolinguística como um campo que inclui contribuições de várias disciplinas, como a sociologia, a linguística, a antropologia, a educação, a poética, o folclore e a psicologia”.

Importante se faz mencionar que antropólogo, ainda reconhecendo tantas influências de outras correntes científicas, enfatiza que a sociolinguística é uma disciplina autônoma. Assim se deu o conceito, por exemplo de vernáculo, termo que designa o estudo da língua falada em situações naturais, espontâneas, em que supostamente o falante se preocupa mais com *o que* dizer do que com *o como* dizer. A partir de estudos dos diversos vernáculos, os sociolinguistas puderam observar regularidade e sistematicidade na fala dos informantes, contestando a teoria do caos na comunicação do dia a dia.

Mais adiante, questões linguísticas foram adicionadas à pesquisa sociolinguística com igual peso sobre as questões sociais concernentes à fala, e esse processo fez com que os estudos sociolinguísticos obtivessem cada vez maior importância no cenário científico.

“Nas décadas de 1960 e 1970, os fatores extralinguísticos da linguagem foram por demais valorizados, mas, a partir da década de 1980, Labov postulou que o aspecto linguístico deveria ser privilegiado sobre o social” (Cezario & Votre, 2008, p. 150).

Assim, não apenas fatores sociais foram detectados como motivadores de uma variação, mas também fatores linguísticos, como elucida Cezario & Votre (2008, p.5):

“O sociolinguísta se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que *motivam* a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na estabilidade de um fenômeno se está em seu início ou se completou uma trajetória que aponta para mudança”.

Por se tratar de um estudo das variações que a análise dos vernáculos propiciam, há um ramo da sociolinguística que recebe o nome de Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista.

Neste trabalho, em especial, embasamos nossa pesquisa na teoria de análise dos fenômenos de mudança linguística, que leva em conta cinco grandes dimensões estabelecidas por

Weinrech, Labov e Herzog, em estudo clássico de 1968 (Cezario & Votre, 2008, p. 150). São elas:

1. “os fatores universais limitadores da mudança (e variação), que podem ser sociais ou linguísticos;
2. o encaixamento das mudanças no sistema linguístico e social da comunidade;
3. a avaliação das mudanças em termos dos possíveis efeitos sobre as estruturas linguísticas e sobre a eficiência comunicativa;
4. a transição, momento em que há mudanças intermediárias;
5. a implementação da mudança: o estudo dos fatores responsáveis pela implementação de uma determinada mudança; explicação para o fato de a mudança ocorrer numa língua e não em outras, ou na mesma língua em outros momentos”

Não pretendemos, entretanto, responder a todos esses tópicos; seria necessário um trabalho mais abrangente para isso. Todavia, pretendemos observar se há elementos na fala culta mais monitorada que pode nos levar a afirmar se há ou não um espectro de mudança à vista, assim como sugere Possenti (vd. I).

Ao tratar da utilização generalizada do uso do QUE na fala de pessoas com alto grau de escolarização, buscamos identificar na língua falada uma possível mudança linguística. Entendemos que:

“Uma das contribuições da pesquisa sociolinguística foi a constatação de que muitas formas não-padrão também ocorrem na fala de pessoas com nível superior, principalmente nos momentos mais informais” (Cezario & Votre, 2008, p. 142).

A partir desse entendimento, reunimos dados de informantes escolarizados, mestres e doutores de universidades. Mesmo entendendo que os ambientes extralinguísticos analisados em conjunto propiciam uma visão mais ampla da variação, nossos informantes configuram uma certa padronização: são pessoas com mais de 40 anos, professores de universidades (mestres, doutores). Pelo alto grau de escolarização, entendemos que o fator extralinguístico sexo também não apresentaria significativas variações. Contudo, importante se faz a consideração de Cezario & Votre (2008, p. 149) a respeito do fator extralinguístico sexo:

“Pesquisas mostram que as mulheres tendem a usar as formas padrão de uma língua com maior frequência do que os homens. Há muitas tentativas de explicação para a diferença, nenhuma totalmente convincente ou suficiente. Segundo alguns estudiosos, isso se dá porque, dentre outros fatores, da mulher é cobrado um comportamento mais rígido, em conformidade com as normas, em todos os sentidos, inclusive no que se refere ao comportamento linguístico.”

Embora conheçamos a característica decisiva do fator extralinguístico sexo, nosso objeto de estudo, o uso generalizado do QUE, se mostra não estigmatizado e é relativamente natural seu uso. Portanto, não definimos tal fator como um ponto essencial para nossa pesquisa, embora não o tenhamos desconsiderado.

O estudo da sociolinguística nos mostra que um dos fatores mais significativos para se constatar uma mudança em curso é o fator idade. Da mesma forma que a variável [+ escolarização], a variável [+ idade] pode ser indício de mudança, pois demonstra se houve ou não conservadorismo. É Mattos e Silva (*apud* Bagno, 2008, p.299) quem elucida esta questão:

“O recurso de trabalhar com gerações conviventes permitiu à sociolinguística apreender mudanças em curso ou em processo, ou seja, permitiu captar o processo de difusão da mudança na estrutura da língua e na comunidade de fala (...)”.

Porém, nosso *corpus* não apresenta grandes variações de idade, tampouco de escolaridade.

Não encontramos, até então, um estudo da partícula QUE em todas as suas ocorrências, seja como pronome relativo, seja como conjunção integrante, seja como pronome interrogativo, de forma que nosso trabalho se mostra como uma novidade no campo dos estudos sociolinguísticos concernentes a esse objeto de análise. Desse modo, nossa pretensão é apresentar um panorama do seu uso na fala culta. Não confrontamos células extralinguísticas, desse modo, não pretendemos afirmar categoricamente se há uma mudança acontecendo ou em vias de acontecer. Todavia, entendemos que nossa contribuição está no sentido de introduzir um possível estudo mais aprofundado onde a partícula QUE, em seus diferentes ambientes linguísticos, seja melhor analisada.

Para o presente estudo, importou-nos destacar o quão o uso de tal partícula se aproxima e o quão se afasta da norma-padrão prescrita nas gramáticas tradicionais. Mesmo entendendo que a norma-padrão é um construto idealizado (vide 2.1), é na fala culta que tal variedade aparece com maior frequência, e é a variedade desejada pelo falante culto.

Tendo em mãos várias entrevistas radiofônicas transmitidas pela emissora *Rádio Brasília 1210 AM* com professores universitários, escolhemos duas entrevistas de homens e duas de mulheres. Mesmo entendendo que a pesquisa sociolinguística quantitativa exige pelo menos cinco informantes, há uma grande ocorrência do QUE nas entrevistas; sendo assim, optamos por

transcrever apenas quatro dessas entrevistas, julgando suficiente para nossos objetivos a quantidade de dados apresentada nessas entrevistas.

Nossos informantes discorreram sobre seus objetos de trabalho, configurando assim uma grande intimidade do informante com o assunto tratado por eles nas entrevistas das quais analisamos. Um envolvimento emocional com o assunto narrado, revelam os sociolinguístas, faz com que o discurso seja mais espontâneo.

Dessa forma, apresentaremos os dados dos quatro informantes, primeiramente separados pelas três grandes áreas de estudo do QUE, quais sejam as relativas, as interrogativas e as conjuntivas, e depois apresentaremos a análise horizontal, falante por falante, demonstrando o quanto os dados desses falantes cultos se aproximam da norma padrão, construto social que norteia a fala mais monitorada e em especial, a de falantes cultos.

4. ANÁLISE DOS DADOS

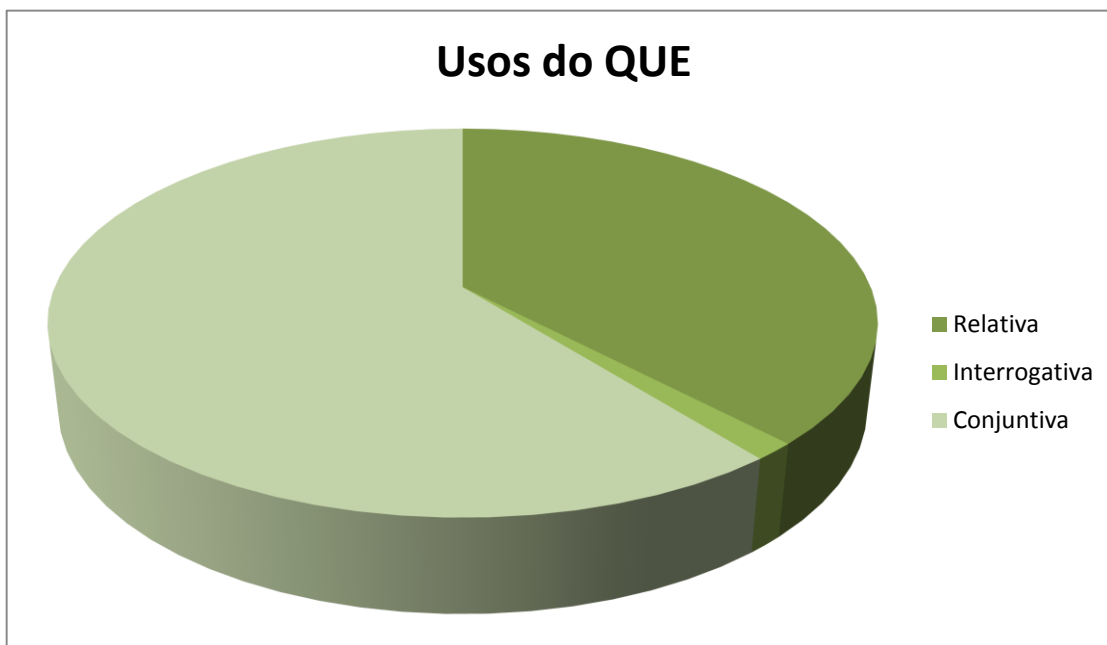
Distintos apenas pelo sexo, nossos informantes foram assim codificados: M+4S1 e M+4S2, para designar nossos informantes do sexo feminino (mulher), com mais de 40 anos, de nível superior, 1 e 2. Para os homens, o código formulado segue a mesma lógica: H+4S1 e H+4S2.

Nosso primeiro quadro diz respeito à quantidade total de dados que conseguimos colher para análise de dados, o que servirá mais adiante para montarmos as porcentagens dos usos de cada uma das formas QUE.

QUADRO: TOTAL DE DADOS

QUE relativo			
M+4S1	M+4S2	H+4S1	H+4S2
27 casos	5 casos	8 casos	15 casos
QUE interrogativa			
M+4S1	M+4S2	H+4S1	H+4S2
0 caso	1 casos	1 casos	0 caso
QUE conjuntiva			
M+4S1	M+4S2	H+4S1	H+4S2
28 casos	18 casos	10 casos	27 casos
Total: 140 ocorrências			

Apenas com essas informações, já podemos observar algumas peculiaridades. As formas QUE mais utilizadas são as conjuntivas. Vejamos o gráfico:



Analisemos uma a uma:

4.1 RELATIVAS

Para a fala feminina, reunimos três ocorrências não-padrão. Vejamos o exemplo do informante M+4S1:

*(Famílias) [usando certas metodologia desenvolvidas em outros países, principalmente, **em que** as crianças vão associando a figuras ao nome daquela figura (...)](3'19)*

A distância, na fala, do referente ao qual a partícula QUE se une pode ser a motivação da utilização fora da norma-padrão para a preposição acompanhante da partícula. O referente, “certas metodologias desenvolvidas em outros países”, grande e distante, na fala pode ocasionar confusão quanto à preposição que caberia nesta oração:

*(Famílias) [usando certas metodologia desenvolvidas em outros países, principalmente, **pelas quais/ nas quais** as crianças vão associando a figuras ao nome daquela figura (...)]*

Houve, ainda, uma forma não-padrão no informante M+4S2, esta prevista pelo estudo sociolinguístico (vide item 2.2 dos Pressupostos): [com o amigo que ele mais gosta] (00'40).

Observamos a ocorrência da copiadora, apesar de não ser como regra a utilização da qual o informante mais realiza.

Na fala masculina também observamos a falta da clareza do referente. Vejamos os exemplos do informante H+4S2:

Então existem vários perigos que (01'15) os pais devem estar muito <u>alerta</u> (...)	Então existem vários perigos para os quais os pais devem estar muito <u>alerta</u>
ele pode ver o histórico que (02'49) site ela <u>navegou</u> , que site que ela <u>foi</u> , né (...)	ele pode ver o histórico em que site ela navegou, em que site que ela foi, né...

Neste caso, o referente está próximo, mas o verbo ao qual esse referente se liga está distante. Esses dois casos suscitam interpretações distintas. Para a Gramática Tradicional, as partículas seriam conjunções, ou seja, partícula que une orações. Mas formalmente, classificamo-las como relativas pelo que primeiro salta aos olhos ao lermos essas orações: a clara e evidente referenciação com termo antecedente.

Apresentamos, a seguir, o gráfico das formas padrão e não-padrão identificadas a partir dos dados coletados:



Também nos chamou atenção outro fato que entendemos por economia linguística, reflexo da fala. No informante M+4S1, observamos a utilização da forma QUE em orações adjetivas, revelando uma preferência desta sobre o uso do próprio adjetivo. Vejamos alguns exemplos:

as letras e dígrafos que representam esse som (...)	as letras e dígrafos representativos desse som
Se for uma metodologia que (7'36) o professor domine bem (...)	Se for uma metodologia dominada pelo professor
a metodologia empregada ali é uma metodologia que (8'40) tem respaldo científico (...)	a metodologia empregada ali é uma metodologia respaldada cientificamente
O curso que (13'00) prepara professores para a alfabetização é o curso de pedagogia (...)	O curso preparatório de para a alfabetização é o curso de pedagogia
Caberia às famílias verificar qual o IDEB que (19'24) aquela escola possui (...)	Caberia às famílias verificar qual o IDEB possuída por aquela escola
Antes de fazer o diagnóstico é preciso ver se o trabalho que (8'15) está sendo feito na escola onde a criança está sendo matriculada é um trabalho competente (...)	Antes de fazer o diagnóstico é preciso ver se o trabalho desenvolvido na escola (...)

Não se trata de formas que fujam à norma-padrão, pode revelar uma economia linguística, uma vez que optando pelo adjetivo, a concordância na oração tende a ser um pouco mais complexa, complexidade que não acompanha a forma instantânea da fala. Pensamos que, na escrita, esse quadro pode vir a ser diferente.

4.2 INTERROGATIVA

As formas interrogativas pouco apareceram nos dados dos nossos informantes falantes cultos. O que mais nos chamou a atenção quanto às interrogativas foi a repetição do QUE. Em

um universo de 140 dados, apenas dois destes são classificados como interrogativas. E o mais interessante é que as duas únicas ocorrências estariam, de acordo com a norma-padrão da Gramática Tradicional, fora das regras, ou seja, as duas ocorrências se caracterizam como não-padrão.

Cada uma das duas ocorrências aparecem em falantes de sexos opostos. Observemos os dados:

Informante M+4S2	Informante H+4S1
[O que que acontece?] (03'02)	[E normalmente, que que a gente observa nessas crianças?] (01'05)

Observamos na fala dos dois informantes a repetição cacofônica da partícula QUE. Diferentemente da partícula clivada (vide item 2.2 dos Pressupostos), há a supressão o verbo que acompanha a partícula nos casos de clivadas. Desta forma, não temos a ocorrência de, por exemplo, a sequência “o que **é que** acontece?”; ou na segunda, em que não há a utilização a interrogativa padrão **o que** nem da clivada **é que**, como se o falante reunisse as duas ocorrências do QUE nessas duas formas e produzisse uma terceira, assim não temos “**o que é que** a gente observa nessas crianças?”, e, sim, “**que que** a gente observa nessas crianças?”.

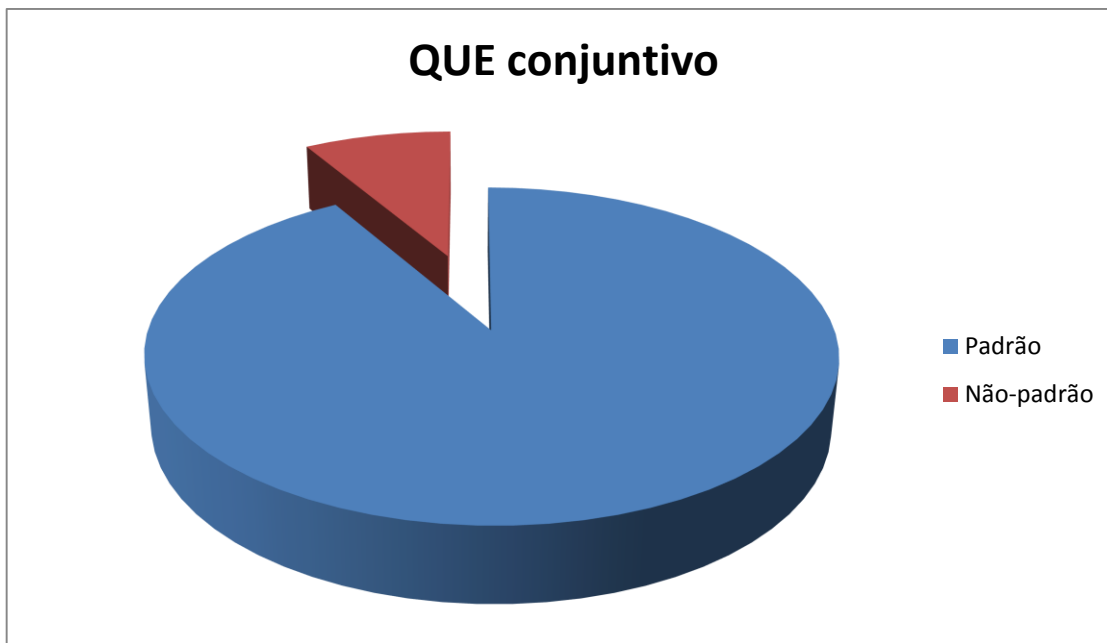
Não encontramos na literatura um estudo dessa terceira forma, mas apenas pelos dois exemplos que conseguimos reunir, observamos uma motivação linguística que pode explicar essa ocorrência. No falante M+4S2, a utilização padrão da interrogativa **o que** é motivada por sua posição inicial na oração; já a segunda, a do falante H+4S1, por estar no meio da oração, pode motivar a supressão de uma parte da forma padrão interrogativa.

No caso da clivada, observamos uma homogeneização do uso da não-padrão com a supressão do verbo nas duas ocorrências. Esse tipo de forma pode estar sendo influenciada pela utilização generalizada do QUE, tanto na relativa quando na conjuntiva, confundindo o falante na hora de montar uma oração interrogativa.

4.3 CONJUNTIVAS

A forma que mais nos chamou a atenção foi o QUE como conjunção. A maioria dos nossos dados ocorreram com o uso nessa forma, fazendo com que observássemos o quanto ele é utilizado e substituído por outras formas.

Apesar da extensa quantidade de dados, poucos casos da forma não-padrão apareceram. De 83 casos de uso das relativas, apenas 7 se configuram como não-padrão, ou seja, 8% dos casos. Vejamos no gráfico:



Os dados não-padrão do nosso *corpus* se configura pela supercorreção da conjunção quando esta necessita de preposição, os chamados dequeísmos pela sociolinguística. Vejamos alguns exemplos do informante H+4S1:

[mas isso não vai impedir de que ele tenha o sucesso na vida escolar nem na sua vida profissional não.] (...) (03'37)	mas isso não vai impedir que ele tenha o sucesso na vida escolar nem na sua vida profissional não.
(...) [os pais ensinem as crianças de que nunca devem colocar na internet coisas como nome completo, o endereço] (...) (05'58)	os pais ensinem as crianças que nunca devem colocar na internet coisas como nome completo, o endereço

No primeiro exemplo, a supressão da preposição já incluiria nossa oração na classificação da norma-padrão quanto ao uso conjuntivo. Já o segundo, a simples supressão da preposição não é o suficiente.

4.4 AVALIAÇÃO

Pouco observamos a forma não-padrão nas três frentes principais de análise da partícula. Algumas padronizações foram observadas quando a essa forma, e por conta da padronização observada, acreditamos que não há estigma.

Para a Gramática Tradicional, os “desvios” não seriam admissíveis em ambiente monitorado, mesmo em se tratando de fala. Quem possivelmente ouviu as entrevistas pela rádio, das quais reunimos nosso *corpus* de dados, certamente não identificou os erros que para a tradição gramatical seriam taxativos; mesmo os ouvintes mais atentos teriam, como eu tive, dificuldades em identificar os desvios da norma-padrão na fala de professores universitários.

O fato de o fenômeno em análise não ser estigmatizado faz com que a abordagem nas escolas em que este conteúdo precisa ser tratado não receba a atenção dispensada ao conteúdo de concordância, por exemplo, visto que esse assunto tem uma carga de estigma muito maior que a variação de uso do QUE.

A sutileza com que o fenômeno aparece faz com que o falante, mesmo o mais cuidadoso, varie seu uso. E uma possível mudança pode estar acontecendo sem que ninguém a veja de forma negativa.

5. CONCLUSÃO

Acreditamos que pode haver uma mudança em curso se desenvolvendo quanto ao uso do QUE, apesar de não encontrarmos um número significativo das formas não-padrão, ainda assim.

Nas relativas não-padrão, identificamos uma falta de ligação entre o pronome e seu referente e, como já analisado, a fala é mais instantânea e alguns fatores podem fazer com que se perca, no decorrer do discurso, o pronome de seu referente.

As interrogativas revelam uma característica típica da fala, a afirmação do entendimento da fala pelo interlocutor, fazendo uso de expressões de confirmação, as clivadas, que na forma interrogativa sofreu a supressão do verbo gerando uma cacofonia (o que é que → que que). Essa forma é muito comum na fala e seu uso é imperceptível, mesmo em ocasiões formais, como revela nosso estudo.

A preferência pela conjunção QUE está em plena utilização, sendo substituídas por outras igualmente possíveis para a padronização da gramática tradicional. Assim como a relativa, os pronomes conjuntivos na fala se perdem de sua referência, e dessa forma a transitividade do verbo referência não acompanha o uso da conjunção.

Todos esses casos se mostram como características da fala e revelam uma preferência de uso do QUE onde quer que ele caiba. Na forma escrita, mesmo não sendo objeto de pesquisa, é justo falar que não se encontra tanta preferência da forma QUE por outros que a supririam.

A simples análise da padronização ou não de acordo com a Gramática Tradicional não seria suficiente para afirmarmos tratar-se de uma mudança em curso. Logo, não diríamos se tratar de uma mudança em curso, mas de uma grande preferência na fala, até mesmo a mais monitorada e realizada por falantes cultos, da forma QUE em todas as duas possibilidades de ocorrência. Muito embora não seja o suficiente, nosso estudo encontrou formas ainda não exploradas pelos estudos sociolinguísticos atuais.

Entendemos que este tema ainda deva ser melhor explorado, levando-se em consideração todas as fases por que uma pesquisa de mudança linguística deva passar. Por hora, apresentamos alguns dados a fim de suscitar questões que interessem os futuros estudiosos do tema, que se apresenta como uma novidade no campo científico.

O processo de análise dos dados não foi tarefa simples, uma vez que encontramos dificuldades em classificar os dados nas três frentes principais de análise, já que eles de alguma forma se assemelhavam. Esse fato nos leva a crer que a abordagem nas escolas dos temas que envolvem tal partícula se configura tarefa complexa, e talvez reflexo da utilização não-padrão, mesmo que em pequena quantidade, por falantes cultos, sujeitos da nossa pesquisa.

Por fim, sem podermos afirmar tratar-se de uma mudança em curso, podemos ainda assim afirmar que formas ainda não estudadas apareceram nos nossos dados, fato que se torna motivador de futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. In: *Dramática da língua portuguesa*. São Paulo, Loyola, 2000.
- _____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. Ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- ARIM, Eva. Construções queistas no discurso dos meios de comunicação social portugueses. Textos selecionados. XXIII Encontro Internacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, 2008, pp. 47-60.
- BECHARA, Evanildo, 1928. *Moderna Gramática portuguesa*. Rio e Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, Ataliba T. de. (coordenação geral) & AIZAWAKATI, Mary e NASCIMENTO, Milton (organizadores). *Gramática do português culto falado no Brasil*. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.
- FARACO & MOURA. *Gramática*. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- FARACO, Carlos Alberto. Por uma pedagogia da variação linguística. II CIEL – Ciclo de Eventos em em Lingüística, promovido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (Paraná). Outubro, 2004. (Disponível em: http://variacaolinguistica.files.wordpress.com/2011/06/faraco_por_uma_pedagogia_da_variacao_linguistica1.pdf)
- GOMES SILVA, Bianca Gabriela S. e SANTOS LOPES, Célia Regina dos. O papel da frequência na gramaticalização do que: análise das estratégias de relativização no português do Brasil. *Revista de estudos linguísticos online Veredas*.
- INFANTE, Ulisses. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1999.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana. As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição/ Adriana Stella Cardoso de Oliveira, Campinas, SP, 2008.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo. Contexto, 2008.
- MOLLICA, Maria Cecília. *(De) que falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- PERINI, M. A. In: *Gramática do Português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

ANEXOS

Trechos transcrição das entrevistas

M+4S1

Ela poderia começar, mas com crianças muito pequenas. Porque, a partir de seis anos, pela política nacional de alfabetização no Brasil, a partir de seis anos as crianças devem estar na escola pra serem alfabetizadas. Há famílias que alfabetizam, e até com crianças muito pequenas ainda, dois , três anos, usando certas metodologia desenvolvidas em outros países, principalmente, em que (3'19) as crianças vão associando a figuras ao nome daquela figura, ao nome daquele objeto. (...) Não é toda família que pode fazer isso, que tem os recursos, ou que (3'43) tenha a competência pra fazer isso.

Eu acho o pacto nacional pela alfabetização na idade certa uma medida oportuna, porque (4'24), em primeiro lugar, essa medida do governo federal serve para mobilizar todos os agentes envolvidos na alfabetização, e quando eu falo em agentes, tenha em mente as secretarias municipais de educação (...), as escolas que (4'45) são empresas, são as escolas particulares que (4'50) também alfabetizam (...) Todos nós no Brasil devemos estar mobilizados para contribuir para o aperfeiçoamento, a melhoria do processo de alfabetização em nosso país, que (4'12) vem passando por muitos problemas e tem o desempenho muito fraco.

A previsão agora no Brasil é que (5'46) as crianças comecem o processo específico de alfabetização seis anos. É recomendável que (5'54) antes disso as crianças estejam na pré-escola. (...) Antes disso, as crianças, quando for possível, deverão estar na educação infantil. (...) Todo trabalho que (6'24) é feito nesses anos que antecedem o ano específico de alfabetização, que é quando a criança atinge os seis anos, todo esse trabalho é um trabalho preparatório para a alfabetização. Muito bem, aí a criança atinge os seis anos e os pais matriculam essa criança na primeira série do ensino fundamental onde (6'45) vai começar o processo específico de alfabetização, que vem a ser o trabalho com o princípio alfabético. A criança vai aprender (...) as letras e dígrafos que representam esse som. (...) Se for uma metodologia que (7'36) o professor domine bem, e se for bem aplicada o resultado será que dentro de seis meses a um ano essa criança estará dominando o princípio alfabético (...) Não é uma coisa trivial fazer um diagnóstico e dizer que a criança tem problemas, tem problemas de natureza cognitiva. (...) Antes de fazer o diagnóstico é preciso ver se o trabalho que (8'15) está sendo feito na escola onde a criança está sendo matriculada é um trabalho competente. (...) Se (...) a metodologia empregada ali é uma metodologia que (8'40) tem respaldo científico (...) É preciso que (9'13) haja, nesse caso, duas professoras, ou que se distribua essa turma em duas salas.(...) É preciso botar em avaliação os fatores necessários para que (9'49) a alfabetização se processe (...) De fato, o que (10'03) está acontecendo são problemas, são deficiências naquela sala de alfabetização. (...) É difícil nessa primeira fase que (10'45) a criança possa identificar bem, desenvolver bem essa questão da

XXX

lateralidade. Ao escrever o b, a letra b, ela tem que (11'02) puxar a barriguinha do b para o lado, quando ela escreve a letra p ela tem que puxar para o outro lado. (...) Ela vai precisar de um atendimento bem competente para que (10'23) ela desenvolva isso. (...) Uma outra coisa é que (11'32) a alfabetização não precisa necessariamente começar pela escrita, porque muita vezes a criança ainda não tem coordenação motora. Ela pode e deve começar pela leitura e... e a escrita vai se limitar à escrita em que... em letras em caixa alta. (...) Depois de esgotado todo o, toda a avaliação do processo de alfabetização em si, e se permaneceram problemas, é que (11'20) a família deverá procurar, nesse caso, um ou uma especialista, certo?

O curso que (13'00) prepara professores para a alfabetização é o curso de pedagogia, são as faculdades de pedagogia que preparam professores para alfabetizar. (...) Ainda há que (13'23) se desenvolver muita... muito trabalho com a criança para consolidar as habilidades básicas de leitura e escrita. (...) É preciso que (13'55) cursos de alfab... formador... cursos para a formação do professor alfabetizador tenha, contemple também bases linguísticas (...) de tal maneira que (14'22) o professor conheça os fonemas da língua. (...) Esses rudimentos de fonologia, que são (14'35) trabalhados na linguística precisam estar presentes no curso básico de formação de alfabetizadores. (...) O conselho nacional de educação fornece (...) e é bom que (15'40) a secretaria de educação... os profissionais que fazem a... os currículos, que desenham os currículos para os cursos de pedagogia estejam alerta também para este problema: para alfabetizar é preciso que o professor receba uma capacitação específica como alfabetizador.

A criança, o alfabetizando que tem o estímulo da família, que (16'32) tem o encorajamento da família, que | percebe que pai e mãe, irmãos mais velhos etecetera estão a... acompanhando a... o progresso dele na escola, então essa criança apresenta um melhor desempenho que (16'50) aquela criança cuja família entrega à escola e não... e não se envolve. (...) É preciso que haja disciplina, é preciso que haja clima disciplinar para que (17'58) haja aprendizagem.

Bom, já que (18'34) estamos no dia nacional da alfabetização, é muito importante que a sociedade brasileira | não só os agentes que estão envolvidos no processo educacional, MEC, secretarias(...) É muito importante que (18'54) a sociedade brasileira se mobilize para que o processo de alfabetização em todas as escolas seja bem é... conduzido. (...) Caberia às famílias verificar qual o IDEB que (19'24) aquela escola onde eles matricularam os filhos, qual o IDEB daquela escola (...) Outro índice que (19'34) os pais podem acompanhar e a sociedade em geral são os resultados da provinha Brasil, que são aplicados também pela escola, mas sob a orientação do MEC. Minha palavra final é no sentido de que (19'47) os pais se envolvam nesse processo e cobrem, cobrem das escolas, e cobrem dos sistemas (...)

M+4S2

Acho que a principal característica é a falta de conversa (00'28). (...) Conversar com o filho, saber o que ele fez hoje (00'39) com o amigo que ele mais gosta (00'40), enfim, acompanhar esse dia a dia, que é difícil, porque a gente trabalha (...) Se tratando de prevenção, que a gente converse (00'56) Acho que essa é o primeiro, é o primeira prevenção da família (01'10). Da escola, acho que a escola tem um papel dela de socializadora (01'15)(...) Acho que a escola tem que abordar esse assunto também sem moralismo (01'23). A gente não pode em nenhum

momento negar que droga é absolutamente prejudicial (01'33)(...) Que a escola não diga assim: olha, não fantasie em cima (01'58) (...) Será que aquilo que a professora falou é verdade, que... que quem... que quem fuma maconha pode matar o pai (02'10) (...) Dizer o que é, onde atua (02'20) (...) Quando já se tem instalado um problema deste em casa, tem que pedir ajuda (02'48) né... então eu acho que é assim, não deu, não deu certo, a família não, não conseguiu(...) Quando... o que que acontece? A primeira coisa que acontece o rapaz... ou o jovem faz o laço com a droga (03'02)(...) Aí eu acho que é procurar ajuda né. A saída é procurar ajuda (03'32) (...) Eu costumo dizer que a adolescência ela tem que se uma fase, ela é uma fase muito complicada de desenvolvimento (04'00) (...) Ele ta tendo que assumir uma série de responsabilidade que eram dos pais (04'07) (...) Então eu costumo dizer que a adolescência tem que ser liberdade vigiada (04'28), ou seja, os pais tem que, com, sem invadir, sem ser protetores demais, sem que o filho sinta que ta sendo muito protegido (04'38), saber mesmo com quem ele anda, o que ele faz (04'42), pra onde ele vai (...) Acho que a função dos pais é... estar perto (04'56) (...) Por isso que buscar ajuda fora, buscar ajuda externa (...) pra que possa querer voltar a se vincular com a realidade (05'48) (...) ... de reconfigurar o laço afetivo que a família tinha que se rompe (06'37) (...) ver de que lugar que ele fala (07'24)

H+4S1

A dislexia é um fenômeno neurológico que (00'12) acontece com as crianças onde ela passa a ter dificuldade em ler e escrever (...) Normalmente a gente pode começar a pensar na dislexia quando aquela criança que (00'52) completou sua fase de alfabetização e não conseguiu aprender a ler e escrever corretamente. (...) E normalmente, que que (01'05) a gente observa nessas crianças? Troca de letras, espelhamento de letras, ou seja, um exemplo, quer escrever um número 3 escreve a letra E (...) Enfim, são erros na comunicação que (01'31) a criança pode apresentar (...) Não existe tratamento pra dislexia. Então, o que (01'59) a gente trabalha é tentar amenizar essa situação. Primeiro, junto com o trabalho da fonoaudióloga, que (02'02) vai trabalhar essas trocas das letras e melhorar a linguagem da criança; e um trabalho junto à escola, para que (02'12) a escola possa ter um melhor entendimento da situação (...) É claro que (02'21) a ajuda de um professor particular, um psicopedagogo nessa situação é de grande valia. (...) Ele vai avaliar o que que (02'52) está acontecendo, porque tem diversas outras situações que pode confundir com a dislexia e não ser. Então aí um médico pra tentar avaliar o que que (03'01) está ocorrendo. (...) Inclusive eu tenho até alunos que (03'24) faz curso de medicina na UnB que é portador de dislexia, e leva uma vida normal. Agora, vai depender muito de como que (03'30) a pessoa vai encarar essa situação. É claro que (03'34) sua vida acadêmica vai ser muito mais trabalhosa, mas isso não vai impedir de que (03'37) ele tenha o sucesso na vida escolar nem na sua vida profissional não. (...) O importante é que (03'54) a criança não ta conseguindo alfabetizar onde (03'59) ela tem todas as condições pra que isso ocorra, e ta tendo essa dificuldade, vale a pena a criança ser avaliada no início da sua vida acadêmica pra que (04'08) a dificuldade não seja levada adiante e venha a trazer uns outros problemas (...) Eu que (04'28) agradeço o convite.

H+4S2

Existem várias pesquisas que (00'43) mostram justamente isso, que o uso inadequado da internet, principalmente por crianças jovens, né, mas também por adultos, ele pode ter consequências nefastas, assim, em muitos casos até graves, como por exemplo situações em que (00'57) crianças são expostas à fotografias de pornografia, ameaças também no sentido de que se fazem amigos pela internet, mas de fato o pretenso amigo pode ser um futuro sequestrador (...) Então existem vários perigos que (01'15) os pais devem estar muito alerta porque se a criança já uma a internet, digamos na época regular de aula, nas férias, ainda mais, porque tem mais tempo livre (...) Existe uma série de forma que (01'32) os pais podem prevenir esse perigo.

Mais do que (01'57) controle, deve ser uma medida que os pais devem adotar de compartilhar com os filhos, com as crianças, jovens, algumas atividades da internet para que (02'06) eles, os pais, possam orientar os jovens, crianças, a um uso adequado da internet. Por exemplo, uma das formas que (02'13) a gente recomenda é (...) Existem outras formas que (02'40) nós aconselhamos, quais sejam, por exemplo, no navegador da internet, qualquer navegador, ele pode ver o histórico que (02'49) site ela navegou, que site que ela foi, né... Então se recomenda também que (02'53) pais possam de vez em quando monitorar, ver qual site que a criança tá acessando (...) Existem também outras formas que (03'08) a gente acha que é importante que é de limitar o tempo de uso da internet no dia a dia, a quantidade que (03'16) alguns pais já recomendam é não mais do que duas horas por dia. Então, assim, existem uma série de medidas que (03'24) os pais devem adotar porque, como eu dizia, controlar é difícil, é melhor tentar compartilhar alguns jogos, algumas atividades lúdicas na internet, pai e filho juntos na internet ao mesmo tempo de forma tal que (03'36) crie essa associação de boas práticas adequadas, pai e filho juntos na internet. Eu acho que (03'43) essas são algumas, né, nas medidas que podem ser tomadas pelos pais.

A melhor forma novamente eu acho que é essa, de que (04'06) realmente, por exemplo, os pais teriam que se informar mais sobre a internet, que (04'10) aí muitos casos (...) as crianças sabem utilizar melhor a internet do que (04'15) os pais. (...) Ela deixou de ser somente algo assim, que (04'52) poderia ser relegado a segundo plano (...) com toda informação que tá lá disponível. (...) Sites que (05'20) pregam o racismo. (...) A mesma polícia não tem toda... o equipamento, que tem que ser muito sofisticado. (...) Também a gente recomenda, inclusive, que (05'48) os pais ensinem as crianças de que (05'58) nunca devem colocar na internet coisas como nome completo, o endereço. (...) De um lado eles tem que (06'12) exercer isso no controle, porque do contrário, existem perigos reais, (...) E esse segundo aspecto aí é que (06'27) ele tá muito mais assim... na mão dos pais, eles devem desenvolver essas atividades (...) Identificar determinados site, que são recomendáveis para a criança, pro jovem. (...) Se alguém te ofende, não tem que (06'51) replicar, deixa passar, porque as brigas na internet, as discussões, levar a situações inadequadas (...) Professores e pais é que (07'05) deveriam fazer essa tarefa.

O pai, ele deve participar, ele não tem que (07'30) participar só pra seguir o filho, pra ver o que o filho faz na internet, mas pro próprio filho ver que o pai tem um interesse próprio dele, independente, de comunicar com seus amigos, com familiares, de forma tal que (07'41) se crie essa confiança mútua de que o pai tá na internet não por razões de controle, ou no facebook, mas porque encontra, chega lá um dia e fala: ó, meu filho, olha que que (07'52) sua tia mandou aqui, essa foto de vinte anos atrás. (...) Tem várias atividades na internet que (08'07) são

recomendáveis de fato, a meu ver (...) a gente tem jogos educativos hoje que (08'14) são muito bons para o processo de aprendizagem (...) Você tem hoje, por exemplo, aplicativos que (08'36) mostram obras de arte famosas do museu de ... em três dimensões que (08'42) não se vê nem no presencial (...) Sites, como o site do portal do MEC, do professor, que (08'52) tem aplicativos também jovens, que são muito úteis no processo de aprendizagem (...) Mas assim, o pai, a mãe, os professores é que (09'02) devem mostrar esse caminho que infelizmente a meu ver ainda está muito lento (...) Mas é uma atitude que (09'22) a gente deve realmente criticar, porque hoje realmente no mundo atual é impossível a gente pensar que (09'29) a internet não deve ser usada (...) Seria como pensar há cinquenta anos atrás que (09'35) não vamo ver televisão. Realmente, é uma mídia hoje que (09'39) ela tem ela tem um papel importante no mundo (...) É importante que (09'52) as crianças saibam utilizar bem.